

DIVERSIDADE SEXUAL E CIDADANIA

Liliana Barros Tavares

(Psicóloga e professora)

Em nossa sociedade heteronormativa, guiada por padrões da heterossexualidade, é comum se rejeitar aquele ou aquela que se “desviou” da norma. O outro, diferente, passa a ser o “estranho”, o “imoral”, o “pecador”, o “desrespeitador”, o “anormal”. Com quem se conversar sobre aquelas imagens tão “esquisitas”, muitas vezes veiculadas na televisão, de pessoas de um sexo agindo como se fossem de outro; ou melhor, imagens de pessoas inventando gêneros, que não são exatamente nem “ele” nem “ela”. E quando são vistos na rua, por exemplo, duas mulheres ou dois homens se beijando na boca? O que se sente? O que se pensa? O que se fala?

Sabemos que nossas crenças e valores são construídos culturalmente, influenciados pelas instituições que representam a sociedade: os meios de comunicação de massa, o governo, a religião e a educação. O espaço educacional é um dos lugares onde se negociam as ideias que geralmente a sociedade quer transmitir e conservar. Portanto, pode ser um ambiente privilegiado para a produção de novos questionamentos, ou posicionamentos, que orientem educadores e educandos sobre valores éticos e sobre a diversidade humana. Trazer ao debate público um assunto considerado marginal ajuda a dissolver a barreira da discriminação.

Atualmente existem, na cidade do Recife, duas leis (Nº 16780/2002 e Nº 17025/2004) que punem qualquer ato discriminatório aos homossexuais, bissexuais e transgêneros. Sancionar uma nova lei pode até ser uma forma mais imediata de exigir mudança de comportamento, mas o respeito e a tolerância, quando apenas requeridos por lei, muitas vezes, em vez de diminuir o preconceito, parece apenas coibi-lo, transformando-o em sentimentos hostis que tendem a reaparecer camuflados nas formas variadas de violência.

A legalidade da livre expressão da orientação sexual, recém-conquistada pelo movimento GLBTT – gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros –, nos faz lembrar os movimentos sociais liderados por grupos que queriam usufruir dos direitos civis e políticos do Estado, e assim garantir sua cidadania.

A diversidade sexual está deixando de ser um assunto que só aparece, informalmente, nas conversas entre colegas, na hora do intervalo, no banheiro e no bate-papo cibernético. Quando se criam oportunidades para que esse tema seja discutido atentamente, para além do senso comum e da superficialidade dos preconceitos, percebe-se que o valor de um ser humano não pode estar vinculado à sua orientação sexual; mas sim ao seu caráter e às suas potencialidades.

Fonte:

<http://www.mauriciodenassau.edu.br/artigo/listar/rec/242>